

O “gênero da bola” mulheres e futebol na mídia¹

The Gender of the Ball Women and Soccer in Media Coverage

Carmen Rial

*Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC (1982), atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Coordena o Instituto de Estudos do Futebol Brasileiro, integra o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (UFSC).
UFSC, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas, Florianópolis (SC), Brasil.*

Caroline Soares de Almeida

*Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPE), subcoordenadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (UFSC) e coordenadora da linha de pesquisa "Futebóis de mulheres, indígenas, paralímpico e LGBTQIA+" Instituto de Estudos do Futebol Brasileiro.
Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife (PE), Brasil.*

Resumo

O artigo analisa a interação entre mulheres, futebol e mídia no Brasil desde o início do século XX. Por meio da análise de fragmentos de histórias pessoais e dos movimentos protagonizados por mulheres, o texto expõe não apenas as narrativas veiculadas pela cobertura jornalística,

¹ Esta pesquisa recebeu financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), instituição à qual dirigimos nossos agradecimentos, por meio do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Estudos do Futebol Brasileiro (INCT-Futebol).

majoritariamente composta por homens, mas também a invisibilidade das brasileiras que buscaram estabelecer suas trajetórias no âmbito futebolístico. Para tanto, o trabalho concentra-se na pesquisa de arquivos, com destaque para a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, e na observação participante na Rádio Gaúcha do Grupo RBS. Apesar dos avanços na cobertura jornalística do futebol de mulheres e especialmente em casos envolvendo abusos sexuais protagonizados por futebolistas, e na presença de mulheres nas redações, transmissões e programas esportivos, a igualdade de gênero ainda é uma meta distante, com hierarquias e disparidades numéricas evidentes.

Palavras-chave: Mídia. “Gênero da bola”. Mulheres. Futebol.

Abstract

This article analyzes the complex interaction among women, football, and media in Brazil, tracing its evolution since the early 20th century. By the examination of fragments of personal narratives and the active engagements of women in the field, revealing prevalent narratives propagated by male-dominated journalistic spheres and shedding light on overlooked endeavors of Brazilian women in the football arena. Methodologically, archival research, with a notable focus on the Hemeroteca of the National Library, is employed alongside immersive participant observation at Rádio Gaúcha of the Grupo RBS. Despite discernible strides in journalistic coverage of women's football, especially in addressing cases of sexual abuse involving male footballers, and the increased presence of women in editorial spaces, broadcasts, and sports programming, gender parity remains a distant aspiration, underscored by palpable hierarchies and numerical disparities.

Keywords: Media. "Gender of the ball". Women. Football.

Resumen

Este artículo analiza la interacción entre las mujeres, el fútbol y los medios de comunicación en Brasil desde principios del siglo XX. A partir del análisis de fragmentos de historias personales y movimientos protagonizados por mujeres, el texto expone no sólo las narrativas transmitidas por la cobertura periodística, mayoritariamente compuesta por hombres, sino también la invisibilidad de las brasileñas que buscaron establecer sus trayectorias en la esfera futbolística. Para ello, el trabajo

se centra en la investigación de archivos, especialmente la Hemeroteca de la Biblioteca Nacional, y en la observación participante en Rádio Gaúcha del Grupo RBS. A pesar de los avances en la cobertura periodística del fútbol femenino, especialmente en los casos de abusos sexuales por parte de futbolistas, y en la presencia de mujeres en redacciones, retransmisiones y programas deportivos, la igualdad de género sigue siendo una meta lejana, con jerarquías y disparidades numéricas evidentes.

Palabras clave: Medios de comunicación. "Género del balón". Mujeres. Fútbol.

Introdução

Naquele tempo tudo era diferente. Por exemplo: — a torcida tinha uma ênfase, uma grandiloquência de ópera. E acontecia esta coisa sublime: — quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques. Eis o que empobrece liricamente o futebol atual: — a inexistência do histerismo feminino. Difícil, muito difícil, achar-se uma torcedora histérica. Por sua vez, os homens torciam como espanhóis de anedota. E os jogadores? Ah, os jogadores! A bola tinha uma importância relativa ou nula. Quantas vezes o craque esquecia a pelota e saía em frente, ceifando, dizimando, assassinando canelas, rins, tórax e baços adversários? Hoje, o homem está muito desvirilizado e já não aceita a ferocidade dos velhos tempos. Mas raciocinemos: — em 1911, ninguém bebia um copo d'água sem paixão. (RODRIGUES, 1993, p. 12)

O fragmento acima é parte da crônica "Flamengo Sessentão", escrita por Nelson Rodrigues e publicada na *Revista Manchete Esportiva*, em novembro de 1955. Nela, o autor utiliza de um artifício misógino para elogiar saudosamente a forma de torcer de tempos passados. A virilidade e a passionalidade são qualidades consideradas imprescindíveis ao espetáculo futebolístico. As mulheres ganham um protagonismo na cena, porém seus gestos e manifestações têm tom de exagero patológico – o histerismo. Sim, foram essas mulheres do início do século XX que deram origem ao termo torcer. Encontramos as primeiras menções nos jornais também a partir de 1911², tendo a flexão de gênero direcionada a elas. As torcedoras eram mulheres que assistiam aos jogos de futebol e, aflitas, torciam seus lenços ou luvas. Com o passar do tempo, o termo perdeu seu gênero, e essa prática passou a identificar qualquer pessoa entusiasta de algum clube de futebol.

² A primeira menção ao termo "torcedora" encontrada por nós diz respeito a uma pequena crônica publicada em 1911 no jornal *O Pirralho*, da cidade de São Paulo. Nossa pesquisa ficou restrita à Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Assim estava escrito: "via-se perfeitamente que Mlle. Z não era mais a mesma torcedora que por *ocasião* do jogo com o Americano tiritava de frio e aquele jogo horrível num lago deixava-a indignada". *O Pirralho Sportsman*. Foot-ball. Paulistano. **O Pirralho (SP)**, 7 out. 1911, p. 10.

Se, por um lado, as mulheres estavam presentes desde o início do futebol nas arquibancadas, nos gramados e também na crônica esportiva, por outro foram invisibilizadas a ponto de haver quem afirmasse décadas mais tarde que o motivo para que não houvesse campeonatos e clubes de futebol feminino, no chamado “país do futebol”, era a falta de interesse das brasileiras por esse esporte (LEVER, 1983). Em sua pesquisa sobre futebol no Brasil, intitulada *Soccer Madness: Brazil's Passion for the World's Most Popular Sport*, a socióloga Janet Lever obteve contato com instituições, clubes, futebolistas, jornalistas e torcedores entre as décadas de 1970 e início de 1980. Em diferentes passagens, cita as dificuldades das mulheres em acessar o universo futebolístico, muito em função do argumento moral da “proteção de suas reputações” (“protect their reputations”) ou mesmo simples desinteresse. Ao saber da legislação do Conselho Nacional de Desporto (CND), ainda em vigor, obteve uma entrevista com um dirigente desse órgão que foi reproduzida na passagem: “When I inquired in 1973, the CBD official laughed and said no such law is necessary, since girls playing soccer is unthinkable. But in the late 1970s some women began to organize their own teams” (LEVER, 1983, p. 72).

A informação de Janet Lever sobre uma lei federal com essas proibições não está correta. O que é certo é que, mesmo depois da anistia futebolística de 1979, as dificuldades para a prática do esporte persistiram e, como veremos mais tarde, havia sim regulamentações que buscavam distinguir o futebol de mulheres da modalidade masculina. Ao analisar o assunto, a antropóloga Mariane Pisani (2018) afirma que o futebol brasileiro se constituiu a partir do gênero “masculino”, situação que designa como “gênero da bola”. Desestimuladas, invisibilizadas e, a partir de 1941, proibidas de jogar, as mulheres permaneceram durante boa parte do século passado à margem da prática dessa modalidade e do trabalho de cobertura jornalística sobre um dos temas de maior audiência nos jornais e rádios. Muito em função do artigo 54 do Decreto-Lei de 14 de abril de 1941³, que se tornou um dispositivo de ponto de partida e relegou essa prática às mulheres, ao amadorismo e à clandestinidade. Todavia, após essa normatização, movimentos isolados de mulheres se formaram em diferentes estados, o que levou a outras restrições.

A revogação da proibição ocorreu apenas em 1979, com a Deliberação n.º 10. No entanto, uma regulamentação específica para o futebol feminino no país só foi estabelecida em abril de 1983. Esse

³O Conselho Nacional de Desportos (CND) foi um órgão administrativo brasileiro, criado pelo Decreto-Lei n. 3.199/41 a fim de regulamentar os esportes no país, e foi extinto em 1993. Já em sua criação, o Decreto-Lei continha em seu texto o artigo n. 54, que restringia a prática de algumas modalidades às mulheres: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

histórico contribuiu para que o futebol feminino se tornasse um fenômeno "fora de lugar" e "agramatical", como observado pela antropóloga Simoni Guedes (2020).

Sem pretender cobrir todo o material sobre o assunto, este ensaio explora a relação entre mulheres, futebol e imprensa no Brasil por meio de uma pesquisa em arquivos, com destaque para o acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, abrangendo o século XX – sobretudo até a década de 1980. Inclui também observação participante na Rádio Gaúcha do Grupo RBS, análises do programa Sala de Redação e a revisão de matérias nos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, entre os anos de 1982 e 1988. Buscamos verificar se o “gênero da bola” é mesmo masculino (PISANI, 2018) na mídia e se o futebol feminino permanece um fenômeno "fora de lugar" e "agramatical" (GUEDES, 2020).

Cléo de Galsan

Durante os anos de 1920, o futebol já tinha destaque nos cadernos esportivos dos jornais brasileiros. O país ostentava dois títulos internacionais, no Campeonato Sul-Americano⁴, e as crônicas esportivas eram uma ferramenta constante e indispensável para acompanhar de casa os resultados dos clubes. Parte desses cronistas se aventurou na escrita sobre a história do futebol no Brasil, e assim surgiram as primeiras publicações conhecidas sobre o assunto. São exemplos desse período as obras de Antônio Figueiredo⁵, de Leopoldo Sant’anna⁶ e de Thomaz Mazzoni⁷. É importante salientar que Mazzoni foi assistente de Leopoldo, redator-chefe da seção “Todos os Esportes” e conhecido como “príncipe dos cronistas” (MAZZONI, 1928, p. 290), no jornal *A Gazeta* durante os mesmos anos de 1920, tendo-o substituído em 1930.

A Gazeta, de São Paulo, é notoriamente um divisor de águas no jornalismo esportivo do país. Aliás, o universo dos esportes era uma das frentes defendidas por Cásper Líbero, dono do diário que inovou em realizar a primeira transmissão, por rádio, de um jogo de futebol em 1922⁸, em criar um suplemento especial para esportes na década de 1930 e em ter em seu quadro uma cronista mulher – Cléo de Galsan. A

⁴ O Campeonato Sul-Americano corresponde à atual Copa América.

⁵ Autor de *A história do futebol em São Paulo*, publicado em 1918.

⁶ *O futebol em São Paulo* (1918), *Veteranos e campeões* (1924) e *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista* (1925).

⁷ *Almanach Esportivo* (de 1928 a 1951). Também publicou *O Brasil na taça do mundo* (1938), *Problemas e aspectos do nosso futebol* (1938) e, em 1950, *Histórias do futebol no Brasil*, em que reiterou Miller como precursor, mas também apresentou uma série de relatos sobre exibições desse jogo nos portos brasileiros, em escolas/internatos e companhias ligadas a empregadores estrangeiros, desde 1864.

⁸ O jogo Brasil e Argentina pelo Campeonato Sul-Americano foi transmitido via rádio do Rio de Janeiro para São Paulo

jornalista atuou nesse periódico entre 1924 e 1925, quando defendeu vigorosamente a prática do futebol e de outros esportes por mulheres:

As moças devem, pois, a par da educação *physica*, fazer a sua educação esportiva. Qual o *methodo*? *Quasi* todos são bons, visto que contribuem para o desenvolvimento dos músculos, segundo a sua importância sobre o organismo: exercícios *especiaes* para desenvolver e fortificar as paredes *abdominaes*, corrigir as suas posições adquiridas na escola ou *attentar* as deformações. [...] Quanto ao esporte a ser praticado pela mulher – segundo o conselho de um médico consciencioso e competente – *ella* pode escolher o que lhe parece melhor, de acordo com sua constituição *physica*, e também, logicamente, com seu gosto (Galsan, 1924a, p. 3).

Torna-se difícil precisar se Cléo de Galsan foi de fato a primeira mulher a escrever sobre esporte no país, uma vez que, durante muitos anos, jornalistas assinavam por pseudônimos – ou mesmo mantinham heterônimos. Também não buscamos cravar esse marco nestas linhas. O que nos importa dizer é que Cléo, em suas crônicas, traz uma visão vanguardista sobre uma discussão que tomou boa parte do século XX: as mulheres devem praticar qualquer esporte? A cronista não só afirma que quase todas as práticas físicas, desde que realizadas dentro de um rigor metodológico e científico, são benéficas, como também justifica a importância destas ao sistema reprodutivo – e à postura corporal –, já que proporcionam fortalecimento dos músculos abdominais. Essa crônica, intitulada “A mulher e o esporte – O futebol feminino é o jogo *recomendado* à mocidade feminina”, foi uma reação ao texto “O bicho de saia está se embandeirando”, escrito pelo colega da redação, Oswaldo Sylveyra, conhecido por Batepé⁹, publicado dias antes. Nela, o cronista tece comentários sobre um jogo de futebol em Bath, na Inglaterra, em que uma equipe de mulheres havia ganhado dos homens pelo placar de 10x6:

De todos os esportes, os menos *recomendáveis* à mulher são sem dúvida, por ordem decrescente, o pugilismo, a *lucta* romana e o futebol. [...] Quanto o futebol, porém, onde os *contactos* violentos, corpo a corpo, não existem, ou não devem existir, e onde os jogadores, em correrias loucas, aos pontapés e às cabeçadas têm apenas em mira a *collocação* da bola na *rêde* inimiga, só o fôlego e a energia masculina, parece, podem resistir ao inevitável cansaço. Parece... Mas não é o que se dá. Não é, pelo menos - o que se deu. Em disputada partida *effectuada* recentemente em Barth, na Inglaterra, mediram forças a esquadra masculina de Norton, afamada nas ilhas britânicas pelo seu jogo “científico”, e um combinado feminino dos clubes de Londres e Liverpool e Barth. E o resultado da peleja foi o que seria de prever... pelos *psychologos* perspicazes: as onze amazonas venceremos onze centauros, venceram-nos redondamente, por 10 pontos a 6. [...] O feminismo do Reino Unida exultou; e os rapazes de Norton, *enfiadíssimos*, tomaram o trem, voltaram à cidade natal, onde esperava, na estação ferroviária, a mais estrepitosa das vaias. [...] Os tempos correm. E não estará talvez longe o dia, ao fim de tremendo combate pugilístico, ante o corpo desmaiado de um Firpo ou de um Dempsey, as multidões *frementes acclamem* em delírio – a primeira campeã do mundo! (BATEPÉ, p. 1924, p. 3)

⁹ A crônica não está assinada, mas, pelo desenvolvimento do “diálogo” entre os dois colegas, o texto pode ser atribuído a Batepé. O “bicho” de saia está se “embandeirando”. *A Gazeta*, n. 5468, 28 de março de 1924. p. 3.

Assim, Galsan se dirige aos colegas de profissão:

Os jornalistas pensam poder *emittir* um juízo sobre todas as cousas e fazer partilhar suas opiniões pelos seus leitores, sem discussão. Todo o mundo sabe que depois que o futebol seduziu nossos esportistas, a maior parte tomou uma posição contra. De tempos a tempos, em *ocasiões* de grandes partidas, um artigo surge, com termos taes, que seu autor não duvida um instante em *anniquillar* com uma *pennada*, o esporte. Ficam persuadidos de ter atingido seus fins, porém acabem por se admirar, vendo o futebol feminino mais florescente que nunca. Procuram as causas, porém de balde (GALSAN, 1924a, p. 3)

A troca de farpas entre Cléo e Batepé continua com o texto da jornalista “As melindrosas e o... esporte!”. Nele, a crítica recai sobre o movimento feminista brasileiro recém-criado por mulheres da elite: “Nessa hora em que o feminismo revoluciona o mundo, em que as mulheres se batem com calor pelos direitos, necessito falar um pouco com algumas de minhas patrícias” (GALSAN, 1924b, p. 3). A crônica defende que a luta feminista deve abranger em sua pauta o acesso das mulheres a práticas esportivas:

Seria bello ver um grupo de guapos brasileiras vencer, por seu valor atlético, por sua força physica, um seleccionado de rapazes. É por ahi que começa a derrocada! Este facto se deu há pouco, em Oxford, na Inglaterra, onde um forte quadro de moças conseguiu vencer o campeão do lugar, pela significativa, considerável mesmo, contagem de 10 a 6. (GALSAN, 1924b, p. 3)

A situação gerou um poema tréplica a Cléo de Galsan no final de abril, no qual Batepé relata sua perplexidade diante de lutas de boxe protagonizadas por mulheres e ironiza escrevendo “Eu já estou criando *mêdo* / Do chamado... FRAGIL SEXO.../ Receio morrer mais *cêdo*/ Eu já estou criando *mêdo* (BATEPÉ, 1924, p. 3)¹⁰

O texto de Batepé faz referência aos embates entre mulheres que ganhavam as páginas do jornal. Em fevereiro de 1924, Charlota¹¹, uma pugilista argentina, campeã em confrontos internacionais, iniciou sua viagem por diferentes cidades brasileiras desafiando lutadoras. Cléo responde em poucas linhas, sob o título de “FRÁGIL SEXO” – em caixa alta, exatamente igual ao poema do colega:

¹⁰ “Duas moças, em S. Paulo, bateram-se em terrível peleja de box (Jornaes) / Causou grande sensação / Uma justa entre duas mocinhas! / Que *luctaram* até no chão... / Causou grande sensação, / Pondo em pulo o coração de muitos ‘almofadinhas’... / Causou grande sensação / Uma justa entre mocinhas! / *Vae* taponá, vem ‘directo’ / Os punhos a ‘pelle côrta’! / Não se via alli... *affecto*... / *Vae* taponá, vem ‘directo’ / *Cabelle* vôa p’ra tecto / Uma a *bocca* doutra entorta! / *Vae* taponá, vem ‘directo’ / Os punhos a pele côrta! / Eu já estou criando *medo* / Do chamado... FRAGIL SEXO... / - Receio morrer mais *cedo* / Eu já estou criando *medo* / - Pois a própria noiva, o dedo, / Me quebrou num forte amplexo... / Eu já estou criando *mêdo* / Do chamado... FRAGIL SEXO!!!” (BATEPÉ, 1924, p. 3)

¹¹ Box Feminino. **A Gazeta (SP)**, n. 5430, 11 de fevereiro de 1924, p. 4.

Ao Batepé

Bate o pé quanto quizeres... Pouco importa, pois que isto não impedirá às mulheres de levarem avante, com todas as probabilidades de *victoria*, a árdua tarefa que iniciaram com tanta dedicação e coragem a fim de quebrar os grilhões que a fazem escravas do homem.

Que é isto Batepé? Estás tremendo?!... Quantos existirão por *ahi* também atacados da doença do “treme-treme”, só porque duas mocinhas se encontram numa fraca *lucta* de Box?

Mas isto apenas é o começo... Tenho pena dos... frágeis representantes do sexo forte.

Pobres almofadinhas, em que estado ficareis no fim de tudo isto?

Cléo de Galsan (1924c, p. 3)

Com isso, o embate textual parece ter finalizado, e Cléo voltou a publicar traduções comentadas e crônicas menos polêmicas até parar de assiná-las no ano seguinte. Apesar de ter atuado por dois anos na Gazeta e ter sido uma voz a favor do feminismo também nos esportes, não entrou no plantel dos cronistas publicado no *Almanach Esportivo* de Mazzoni (1928), assim como estão seus colegas de redação Leopoldo, Antônio e Batepé. Verdade seja dita, nenhuma outra mulher está entre os 96 nomes contemplados entre os jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Mas quem era Cléo de Galsan e como uma mulher teve acesso à publicação de crônicas esportivas que defendiam ideias feministas em um dos jornais mais influentes da cidade de São Paulo? Desde cedo, Cléo compreendia o papel crucial que o futebol desempenhava na compreensão do lugar das mulheres na hierarquia de gênero. Seus artigos também nos proporcionam uma compreensão mais aprofundada das representações de classe, raça e sexualidade presentes no Brasil naquela época. Como jornalista esportiva, ela se apresentava como “narradora” e crítica do contexto em que estava inserida. Seus textos abordavam a urgência de diretrizes feministas que, por meio da prática esportiva, buscavam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nesse sentido, ela acreditava que apenas mulheres fisicamente fortes seriam capazes de desafiar a estrutura de dominação, uma vez que a luta física poderia nivelar as relações de poder entre mulheres e homens.

Um parêntesis é necessário para apresentar esta feminista precursora na crônica de esporte. Minha (Caroline) história com Cléo começa nas buscas sobre a prática do futebol por mulheres no início do século XX em jornais digitalizados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A confirmação de que se tratava de uma mulher surgiu na seção “Sem Sello”, que servia de comunicação entre redação e leitoras/es: “Não. Cléo de Galsan não é nenhum de nossos auxiliares... de barba. Nossa apreciada *colaboradora*, de *facto*, veste

saia¹²...” Primeira dúvida sanada, faltava descobrir sua identidade, a qual nos foi revelada na coluna social do mesmo diário. Cléo foi o nome escolhido para batizar a filha de Leopoldo Sant’Anna e Maria Conceição Rehder Galvão Sant’Anna, nascida em junho de 1925. Partindo desse fato, imaginamos a cronista como Conceição, conforme era conhecida. Afinal, “Cléo” poderia ser a junção de Conceição e Leopoldo e “Galsan” de Galvão e Sant’Anna, hipótese que se confirma por meio de trocas de mensagens com Cléo¹³ (filha), 94 anos depois da primeira publicação de Cléo de Galsan:

Caroline, realmente sua pesquisa está certa. Sempre soube que minha mãe escreveu com o nome Cléo de C de Conceição e Leo de Leopoldo, (meu pai) e Gal de Galvão e San de Santana, mas como uma espécie de lenda familiar. Eu nunca cheguei a ler nada. Teria imenso prazer em colaborar com você, mas não sei como ajudá-la. Talvez lhe interesse saber que ela era irmã da Pagu que se tornou bem mais famosa.

Antes da confirmação por e-mail, já havíamos nos surpreendido com a notícia do parentesco entre Cléo/Conceição e Patrícia/Pagu na mesma coluna social. Conceição era a irmã mais velha e começou a publicar na Gazeta na mesma época em que Patrícia Galvão escrevia para uma coluna no *Jornal do Brás*, aos 14 anos. Isso nos levou a imaginar que Cléo de Galsan talvez tenha inspirado Pagu, sobretudo na crítica ao feminismo de elite – mas essa questão ainda é mera hipótese, já que em nenhuma de suas biografias (CAMPOS, 1982; FURLANI, 1999; GALVÃO, 2005; SILVEIRA, 2007; HOLANDA, 2014) lida por nós até o momento há alguma menção a isso por parte de Patrícia. O certo é que Pagu deixou com a irmã a incumbência de escrever sobre futebol. E, infelizmente, as crônicas de Conceição/Galsan não tiveram um eco duradouro na imprensa.

Carlota Rezende e o Primavera Futebol Clube – anos 1940

Na década de 1940, o futebol já se encontrava consolidado no Brasil como esporte. Não é mais um coadjuvante no projeto de nação, é alçado a símbolo nacional (OLIVEN, 2006; RIAL, 1988). O futebol deveria ser uma projeção do Estado Novo: um símbolo de virilidade, de disciplina e de vitória (ALMEIDA, 2019). É nesse período que crescem os números de equipes de futebol de mulheres nos subúrbios cariocas (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; BONFIM, 2019; ALMEIDA e ALMEIDA, 2020). Entre elas, figurava o Primavera F. C.¹⁴, fundado em maio de 1940 por Carlota Alves Rezende¹⁵ como um projeto de reunir as

¹² *Jornal A Gazeta*. Sem Sello. Sábado, 25 de outubro de 1924, p. 3.

¹³ As mensagens foram trocadas em 2018, na época Cléo estava com 93 anos.

¹⁴ O nome do clube é apresentado nos jornais como Primavera A. C. (Athletic Club) e Primavera F. C. (Football Club), sendo o último ressaltado por Carlota em uma entrevista: “Só posso atribuir a denúncia ao respeito; o Primavera F. C – veja bem, seu

melhores jogadoras da cidade do Rio de Janeiro, com vistas a formar um grupo que fosse campeão. Durante seus nove meses de existência, o Primavera disputou 17 partidas, perdendo apenas duas. As atletas recebiam por suas performances em partidas¹⁶ organizadas pelos dirigentes das equipes, visando estabelecer um calendário que permitisse a criação de campeonatos.

O sucesso dos jogos ganhou espaço nas páginas dos jornais em 1940, gerando reações também adversas à prática. Um dos casos mais conhecidos é a carta aberta de José Fuzeira¹⁷ ao então presidente Getúlio Vargas, publicada em jornais do Rio de Janeiro, em maio – um pouco antes da fundação do Primavera F.C. Nela, o autor de *Rompendo as trevas*, livro que cita no final da carta, pedia para que o futebol feminino fosse proibido nacionalmente. O argumento pautava-se na ideia de que as mulheres, ao jogar futebol, ficariam presas a uma "mentalidade depressiva e propensas aos exhibicionismos rudes e extravagantes", rompendo com o "equilíbrio *physiológico* de suas funções orgânicas devido a natureza que a *dispoz* a 'ser mãe'"¹⁸. A missiva reavivou o debate sobre os impactos negativos desse esporte, tido como violento e prejudicial ao sistema reprodutivo feminino naquela época, o que justificava, na visão de alguns, que apenas homens deveriam jogar. Essa perspectiva foi endossada pela Subdivisão de Medicina Especializada do Ministério da Educação e Saúde (ALMEIDA, 2019). O Delegado Dulcídio Gonçalves era outra figura bastante atuante na depreciação da prática do futebol por mulheres, frequentemente mencionado em matérias de jornais¹⁹, por impedir a realização de jogos, sempre muito atento à participação de jovens menores de idade. Vale destacar, por último, o jornal *O Imparcial*, que assumiu o protagonismo na campanha contra o futebol feminino (BONFIM, 2019) ao publicar uma série de

repórter, F. C. – apenas perdeu um jogo desde que existe". Ver: PINTO, Ricardo. Futebol Feminino. **Diário de Notícias**: 22 de janeiro de 1941, p. 7. Optamos por usar o "A. C." por estar ligado ao grupo desde a fundação.

¹⁵ Tampouco se tem certeza quanto ao nome correto de Carlota Alves Rezende, já que alguns jornais a chamam por Carlota Silva.

¹⁶ Em valores acima do estipulado pelo Decreto-Lei 2162/1940 para a hora trabalhada (Brasil 1940) – entre 10 e 15 mil réis (10\$000 e 15\$000). 10\$000 correspondem a R\$ 1.230 segundo a conversão do site <https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>.

¹⁷ Sobre José Fuzeira, sabe-se que, além da carta aberta contra o futebol feminino endereçada a Vargas, ele tinha acesso à redação de jornais cariocas como *Diário da Noite*, que publicou a carta (FUZEIRA, José. Um disparate sportivo que não deve prosseguir. **Diário da Noite**, n. 3946, 07 maio 1940, p. 11-12), e *A Noite*, em que publicou textos de opinião (FUZEIRA, José. Por um discípulo de Jesus. **A Noite**, n. 4279, 26 de outubro de 1923, p. 5) e obteve divulgação do seu livro *Rompendo as trevas* (ALMEIDA e ALMEIDA, 2020) – sobre comportamentos moralmente, dentro dos preceitos cristãos, indicados a jovens. Também era da diretoria da União Espírita Suburbana (*A nova directoria da União Espírita Suburbana: um apello aos espíritas do subúrbio*. **A Noite**, n. 3692, 17 de março de 1922, p. 6) e do Rio Moto Club (Motociclismo. **A Noite**, n. 3840, 12 de Agosto de 1922, p. 6).

¹⁸ FUZEIRA, José. Um disparate sportivo que não deve prosseguir. **Diário da Noite**, n. 3946, 07 maio 1940, p. 11-12

¹⁹ Impedido pela polícia o futebol feminino, **A Batalha (RJ)**, 23 de junho de 1940, 4254: 6.

reportagens, entre dezembro de 1940 e janeiro de 1941, entrevistando especialistas de diferentes áreas contrários à prática desse esporte por mulheres – tais como Inezil Penna Marinho²⁰, assistente técnico do Ministério da Educação, e Humberto Ballariny²¹, professor da Faculdade de Medicina – e pessoas públicas sobre a temática.

Sobre o ato de Fuzeira, *O Diário Carioca*²² chegou a salientar que o “moralista”, ao contrário do que intencionava, acabou dando mais visibilidade aos jogos entre mulheres. E, de fato, o anúncio da criação do Primavera e algumas de suas jogadoras tiveram certo destaque. *O Jornal dos Sports* também se manteve a favor do futebol feminino e abriu espaço para que Adyragram, jogadora e presidenta do S. C. Brasileiro, respondesse a carta, com um texto irônico em que aponta o preconceito de gênero do autor: “Senhor Fuzeira qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá gripar as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães”.²³

Na mesma edição, ainda foi publicado, na coluna *Off-Side*, assinada pelo pseudônimo “Keeper”, um poema²⁴ irônico endereçado “ao apóstolo Fuzeira”: “Fuzeira considera a novidade das mais ruins e das mais estranhas: prevê para o Brasil todo um porvir de entranhas infecundas, enfermas, vagabundas, arrasadas por ‘solas’ e ‘trancos’...”. O texto termina assim: “É isso, seu Fuzeira! É isso, e não se meta! Moça

²⁰ Chamado de “Iguesil Marinho” no jornal. Pé de mulher não foi feito *p’ra se metter em shooteiras*. **O Imparcial**, n. 1731, 15 de janeiro de 1941, p. 14.

²¹ O futebol mata a graça da mulher. **O Imparcial**, n. 1732, 16 de janeiro de 1941, p. 14.

²² Vamos ter mais um match de football feminino. **Diário Carioca**, 25 de maio de 1940. p. 8.

²³ Adyragram. Defendem-se as praticantes do football feminino. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 3294, 10 maio de 1940, p. 6. Li com atenção a carta dirigida pelo Senhor José Fuzeira a um vespertino de nossa cidade. A princípio tomei o caso a sério. Refletindo, perguntei a mim mesma: quem será esse senhor José Fuzeira? Verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no esporte, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir o assunto. Procurou celebrar-se nos meios esportivos apenas com uma carta dirigida ao mais alto magistrado do país. Há homens cujas ocupações lhe dão tempo até para tratarem de assuntos femininos. Mas, todas as vezes que o fazem, procuram celebrar-se, dando o nome, residência e até o telefone. O Senhor José Fuzeira deveria assistir à prática de futebol feminino, para verificar quão salutar é esse esporte e os benefícios que o mesmo presta à suas praticantes. É verdade que o futebol, como outros esportes, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação física e que só fazem ginástica pelo rádio, receosos de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou. O Senhor Fuzeira qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá gripar as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães... O Senhor Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro de futebol feminino e apontar, publicamente, quais as desvantagens de sua prática nos moldes em que vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Senhor Fuzeira deve preocupar-se com os guris que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil.

²⁴ Keeper. Ao apóstolo Fuzeira. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 3294, 10 maio de 1940, p. 6.

de agora tem motor de popa, não é deste planeta! [...] No mais, se convença que passou o tempo do sarau e da vovó, em que as Emílias se faziam atletas”.

Como vemos, foram muitas vozes a favor do futebol praticado por mulheres presentes na imprensa. Ainda assim, prevaleceu o outro lado. Nos jornais, em 1940, a maior ofensiva contra a prática do futebol por mulheres veio ao final do ano, dirigida especialmente a Carlota Rezende. Além de gerir o clube, Carlota, chamada carinhosamente de “mãezinha” pelo grupo, também aconselhava e cuidava das jogadoras²⁵. Era tia das irmãs Nicéa, Salette e Aida, de quem teria cuidado desde a morte dos pais, ocorrida ainda na infância das jovens. As três haviam atuado em outras das oito equipes de futebol feminino²⁶ fundadas pela tia. Nos primeiros meses de existência do Primavera, as “garotas do outro mundo”²⁷, entre outras jogadoras, tinham fotografias publicadas e davam entrevistas em que enalteciam a qualidade técnica do grupo. Nicéa era a “Crack n. 1”²⁸, a “Leônidas de saias”²⁹, e Sally, “a garota revelação”³⁰ e “a garota super-produção”³¹.

Na mesma época, Alfonso Doce, conhecido empresário argentino no ramo futebolístico, manifestou o interesse em patrocinar a viagem do grupo de futebolistas brasileiras para disputas acertadas com equipes argentinas e uruguaias. A prática, embora condenada pela FIFA na época, era bastante comum entre homens, e Doce atuava há pelo menos duas décadas intermediando embates futebolísticos entre clubes no Brasil, na Argentina e no Uruguai³² (ROCHA, 2019; ALMEIDA e ALMEIDA, 2020). É nesse momento que as críticas negativas já existentes ao movimento de mulheres no futebol ganharam maior repercussão e foram criadas, nos jornais cariocas, encabeçadas pelo *Imparcial* (BONFIM, 2019). Assim que o caso veio a público em diferentes veículos de imprensa, o jornal publicou na contracapa³³ dois pequenos textos com os títulos difamatórios: “Alfonso Doce invade com suas negociatas perigosas” e “Jogadoras contratadas como artistas de *cabaret*”. A acusação de que as jogadoras eram levadas para dancings e cabarés após as partidas gerou denúncias, questionando-se a atuação do delegado Dulcídio Gonçalves,

²⁵ Soluçava de Chuteiras. **A Noite**, n. 10387, 11 de janeiro de 1941, p. 3.

²⁶ *Idem*.

²⁷ Teremos mais um match de football feminino. **Diário Carioca**, n. 3662, 25 de maio de 1940, p. 11.

²⁸ Soluçava de Chuteiras. **A Noite**, n. 10387, 11 de janeiro de 1941, p. 3.

²⁹ Não quer mais nada com o football... **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1941, p. 1.

³⁰ *Estréa* hoje a equipe feminina do Primavera A. C. **Diário Carioca**, 9 de junho de 1940, p. 11.

³¹ Teremos mais um match de football feminino. **Diário Carioca**, 25 de maio de 1940, p. 11.

³² Existem referências em jornais brasileiros da época da atuação de Doce em outros países da América do Sul.

³³ Jogadoras contratadas como artistas de cabaret. **O Imparcial**, n. 1716, 27 de dezembro de 1940, p. 16.

conhecido por sua vigilância em jogos de futebol (ALMEIDA 2019; BONFIM 2019): “[...] nosso informante *afirma* haver num dos quadros, indivíduos desclassificados e mulheres suspeitas com o objetivo criminoso de seduzi-las a propósitos inconfessáveis. [...] Saberá deste facto o sr. Dulcídio Gonçalves?”³⁴. O referido informante de que trata a matéria teria enviado telegramas de Buenos Aires à redação do *Imparcial*, alertando sobre a organização de uma excursão do time do Primavera, promovida por Doce³⁵. Em uma entrevista realizada por jornalista do mesmo periódico, Dulcídio afirma o que pretende fazer para impedir a viagem das brasileiras: “Por mim, como tenho conhecimento que no meio dessa situação toda existe o lenicídio disfarçado, vou tomar sérias providências, processando os representantes da *Mygdal* que as induziram para um passeio *sportivo* na Argentina...”³⁶. No mesmo dia em que a entrevista foi publicada, o delegado deteve Carlota na sede do clube³⁷.

As narrativas transformaram a fundadora do Primavera em aliciadora de mulheres à prostituição (ALMEIDA, 2019; BONFIM, 2019; ALMEIDA e ALMEIDA, 2020), sendo o clube de futebol disfarce ao esquema que, agora, com a participação de Doce, ganharia dimensão internacional. Em reportagem, *O Imparcial* afirmava: “As controladoras da equipe feminina são *creaturas* suspeitas para a polícia, que as conhece como infelizes doentes dignas de uma internação no manicômio judiciário³⁸” e “entre essas mulheres está a conhecida proxeneta Carlota Silva, que tem o papel de mentora, massagista, propagandista das referidas equipes”³⁹. Cenário que, segundo esse diário, havia provocado forte descontentamento entre os jornalistas esportivos:

Este acontecimento, como era natural, provocou a repulsa na *chronica sportiva* da cidade, que, inspirada por um sentimento patriótico mostrou o ridículo da pretensão, dizendo que que estava em jogo o patrimônio moral e *sportivo* da mulher brasileira, o qual foi conquistado com feitos dignos de menção. A advertência dos *chronistas* esportivos de O IMPARCIAL, felizmente, foi levada em consideração por aquela sensata autoridade policial, a qual, obediente ao mesmo espírito que nos move contra a pretensiosa *inovação*, *imediatamente* tomou as providências que se impunham detendo uma das figuras principais da pantomina “*sportiva*” que estava prestes a ser desempenhada em *paiz* estrangeiro.⁴⁰

³⁴ Caso de polícia o football feminino. *Imparcial*, n. 1726, 9 de janeiro de 1941, p. 16.

³⁵ Football é um caso de polícia, *Correio da Manhã (RJ)*, 17 de janeiro de 1941, n. 14173, p. 10.

³⁶ Exploração mal disfarçada! Não embarcará o *team* feminino. *O Imparcial*, 10 de janeiro, n. 1727, p. 15.

³⁷ Presa uma das mentoras do football feminino. *O Imparcial*, n. 1728, 11 de janeiro de 1941, p. 8.

³⁸ Bailarinas ou jogadoras de foot-ball? *Imparcial*, 22 de janeiro de 1941, p. 14.

³⁹ Caso de polícia o football feminino. *Imparcial*, n. 1726, 9 de janeiro de 1941, p. 16.

⁴⁰ Presa uma das mentoras do football feminino. *O Imparcial*, n. 1728, 11 de janeiro de 1941, p. 8.

Ao *Imparcial*, o delegado Dulcídio diz: “Dou ao IMPARCIAL os meus sinceros parabéns por ter despertado a nossa *atenção* para o *assumpto* que estava reclamando a *acção* policial que, por certo, tem merecido os mais francos elogios da sociedade carioca”.⁴¹

O sensacionalismo diante da situação também foi pauta do jornal *A Noite*, que noticiou em primeira mão detalhes sobre a casa em Pilares naquela tarde de sábado, 11 de janeiro. Entre outros assuntos, a reportagem destacou o cartaz na entrada e a dificuldade em conseguir entrevistas com as integrantes do Primavera, já que todas foram orientadas por Carlota a não prestar depoimentos. Sobre o assunto, escreveu:

Com alguma relutância, entretanto, Salette concordou em dizer-nos que todas as jogadoras estão devidamente autorizadas a participar dos encontros futebolísticos pelos seus respectivos pais, sendo portanto grande a surpresa que experimentaram por não verem motivo para a prisão de D. Carlota.

“Tragam seu *baton*, rouge e pó de arroz” - Por fim, antes de retirar-se, o *repórter* teve a sua atenção voltada para um quadro afixado numa das paredes [...].⁴²

Dois dias após a prisão, Carlota foi posta em liberdade. O mesmo jornal deu novamente ênfase ao caso: “D. Carlota, introdutora, diretora, animadora do *football* feminino é acusada de desviar suas pupilas dos gramados para os ‘*dancings*’; depois de chutarem a *péla*, durante o dia, vão, à noite, cair nos tangos e nas congas, em salões mal afamados⁴³”. Em sua defesa, Carlota afirmou sua inocência, ressaltando as virtudes do Primavera Futebol Clube e imputando as denúncias a preocupações de ordem moral: “só posso atribuir a denúncia ao respeito; o Primavera F. C – veja bem, seu repórter, F. C. – apenas perdeu um jogo desde que existe” (PINTO, 1941, p. 70). Não adiantou. Uma semana depois, a excursão aos países da região do Prata foi proibida pela justiça carioca, e a Divisão de Theatro e Cinema ligada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Vargas anunciou a censura aos programas esportivos que tivessem disputas de futebol feminino. A sede do Primavera acabou sendo fechada pela polícia⁴⁴.

De Nicéa e Carlota, não foram encontradas mais notícias. Sobre a situação que levou à prisão e ao fechamento dos clubes de futebol feminino, o jornalista Ricardo Pinto (1941) escreveu:

O futebol feminino é largamente praticado em diversos países, inclusive nos Estados Unidos, onde chega a empolgar multidões. No Brasil, todavia, apenas começa. E começa mal, conforme estamos vendo, pois

⁴¹ Não está ainda encerrado o inquérito. *O Imparcial*, n. 1732, 16 de janeiro de 1941, p. 3.

⁴² Soluçava de Chuteiras. *A Noite*, 11 de janeiro de 1941, p. 3.

⁴³ Da noite para o dia. *A Noite*, 13 de janeiro de 1941, p.2.

⁴⁴ A censura não aprovará programas com partidas femininas. *O Imparcial*, 23 de janeiro de 1941, p. 15.

começa em luta aberta com a polícia. [...] O resultado das investigações, determinadas pelo delegado Cota, não foi revelado, ainda. Os jornais silenciaram, ultimamente. De qualquer maneira, porém, é de supor que não tenha sido dada como perfeitamente regular a existência do “Primavera”, pois o certo é que o “team” campeão carioca, não embarcou. Nem embarcará mais, dizem. O delegado Cota, de resto, não gosta muito de dar publicidade às suas devassas de natureza esportiva. [...] De sorte que, em conclusão: é possível que não se venha a conhecer o resultado do inquérito a respeito das “primaverinas” (PINTO, 1941, p. 7).

O espaço socialmente atribuído por vozes machistas a essas mulheres suburbanas, como Nicéa, que jogaram futebol no Rio de Janeiro na década de 1940 é muito bem exemplificado pela crônica “O feijão queimado”, de Puck (1941) da qual nos permitimos citar um longo trecho:

[...] A polícia acaba de sustar o embarque das players, reconduzindo, umas às suas cozinhas, outras às copas, restituindo a tranquilidade aos lares cariocas.

Se a Miquelina estiver aborrecida, lavando a louça, cantarolando o último samba para o Carnaval, não se preocupe, cara leitora: aproxima-se a hora da “revanche”. A copeira que não pôde embarcar para Buenos Aires, no “Esperança F. C.”, já iniciou inscrição nos “Inocentes do Encantado”. De goal-keeper, ela passará a porta-estandarte [...].

A extinção do “football” feminino teve o mérito de devolver a paz aos lares cariocas, ameaçados de tremenda crise com o aparecimento dos “center-halves” de saias e dos “backs” que outrora zelavam pelo nosso paladar. Estávamos num sério dilema: ou o “football” ou a carne assada. Quem se orgulhasse de possuir em sua cozinha, a “leader” na marcação de “goals”, poderia contar com o feijão queimado três vezes por semana – dias dedicados ao treinamento do “team”. Quem quisesse uma boa copeira deveria procurá-la nos asilos onde se encontram os inválidos, já incapazes de correr atrás de uma bola. Isso porque o “association” estava empolgando o mundo que trata das panelas e das sobremesas.

A polícia do Rio veio prestar um grande favor à população. A estas horas, a “extrema” que fazia delirar a “torcida” está lavando a roupa, enquanto o grande “back” remexe a frigideira que salta as batatas fritas. Restam-lhes porém as recordações, único direito dos “cracks” em ostracismo:

– Que sucesso iríamos ter em Buenos Aires, heim?

- É verdade. Só por isso, vou deixar o “bispo” invadir a área do “penalty” da patroa! (PUCK, 1941, p. 2)

O primeiro passo para a criminalização do futebol feminino foi a prisão de Carlota Rezende, sob a acusação de lenocínio. A tentativa de profissionalização do futebol feminino, ao organizar disputas internacionais e oferecer pagamento pelas entradas em campo, foi comparada, naquele momento, ao Tzvi Migdal, máfia formada por judeus poloneses e russos responsável por uma rede prostituição de mulheres judias⁴⁵, atuante em várias partes do mundo incluindo grandes cidades da América do Sul: entre elas, Rio de Janeiro, Montevideú e Buenos Aires. Chamaram a excursão à Argentina de exploração comercial,

⁴⁵ As mulheres eram aliciadas pela promessa de fugir do antissemitismo que crescia na Europa durante a Segunda Guerra (RECHTMAN, 2015), também com a promessa de casamento (MORPURGO, 2019).

ridicularizando as jogadoras do Primavera F. C. e do S. C. Brasileiro, ambas equipes presididas por mulheres.

[...] criaturas sub-nutridas, esqueléticas mesmo, desprovidas de beleza esthetica, dominadas por condutieres de duvidosa posição social e controladas, segundo temos conhecimento, por indivíduos que se acham presos a compromissos commerciaes de criminosa finalidade. O Largo dos Pilares, quartel general de “Dona” Carlota Rezende (o nome é austero, mas a pessoa é horrível em todos os pontos de vista, concentra-se a turma do football feminino numa promiscuidade chocante.⁴⁶

Diante desse apelo moral, veio o segundo golpe: em abril de 1941, com o Decreto-Lei n. 3199, que criou as bases do Conselho Nacional de Desporto e regulamentou o esporte no país. O ato publicado proibiu às mulheres a prática de atividades físicas consideradas incompatíveis com o que chamavam de “natureza da mulher” (BRASIL, 1941), a natureza de ser mãe. O argumento biológico impossibilitou o desenvolvimento da modalidade nos 40 anos seguintes (GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005; PISANI, 2018; ALMEIDA, 2019).

O artigo evidencia como o futebol feminino, praticado majoritariamente por mulheres das periferias e classes populares do Rio de Janeiro na década de 1940, desafiou as expectativas de gênero e a hierarquia social da época. Essas mulheres, muitas das quais poderiam trabalhar como empregadas domésticas, ao participarem de atividades esportivas como o futebol, realizavam um ato subversivo (BUTLER, 1990) que perturbava a ordem estabelecida nos lares, questionando a divisão de gênero e de classe. A prática do futebol por essas mulheres não só invertia a ordem doméstica – como bem apontou o texto “O feijão queimado” citado anteriormente –, ao trocarem tarefas de casa pela possibilidade de viajar ao exterior, mas também desafiava as normas sociais ao exibirem as pernas em público, algo que naquela época era associado à indecência e à vida nos cabarés.

A última notícia que encontramos nos jornais sobre o Primavera data de maio de 1941 – a casa-sede, localizada na rua Gaspar n. 45, em Pilares, foi colocada para alugar e aparece na sessão de classificados de um jornal⁴⁷.

Coisinha do Pai – início da década de 1980

Após a revogação do Artigo n. 54 do Decreto-Lei 3.199/1941 e da Deliberação n. 7/65⁴⁸, e com a permissão para que mulheres praticassem futebol, o principal desafio tornou-se encontrar estratégias

⁴⁶ As moças brasileiras não se *exibirão* na Argentina. **O Imparcial**, n. 1734, 18 de janeiro de 1941, p. 14.

⁴⁷ **Jornal do Brasil**, 11 de maio de 1941, p. 14.

eficazes para diferenciar essa modalidade do futebol "oficial", regulado pela FIFA. Isso incluiu a redução da duração das partidas, a realização de jogos em locais alternativos, como campos de várzea e praias, e a transformação dos jogos femininos em "exibições" que serviam como preliminares para as partidas masculinas em estádios (ALMEIDA, 2013). Embora a prática tivesse sido autorizada, a ausência de regulamentação formal, a proibição de jogos em estádios e a realização de campeonatos continuavam em vigor, postergando ainda mais o avanço rumo à profissionalização das jogadoras de futebol. A historiadora Giovana Capucim e Silva (2015) descreve o intervalo entre a revogação da proibição à prática dos esportes mencionados anteriormente e a regulamentação do futebol feminino, em 1983, como um período de clandestinidade. Esse conceito alinha-se com a noção de anistia (ALMEIDA, 2013) ao futebol feminino, proposta por Rose do Rio, ex-futebolista que teve sua carreira durante a década de 1980. Capucim e Silva, ao escrever sobre o período, salienta que a prática do futebol por mulheres no Recife obteve um grande crescimento no final da década de 1970, a ponto de o *Jornal do Commercio* ter criado uma coluna semanal sobre o assunto.

O caso no Recife merece destaque, uma vez que os times exploravam brechas para permitir a participação das mulheres em campo, buscando manter experiências que se aproximavam a um processo de profissionalização.

Os exemplos mais claros são os das moças do Água Viva, que recebiam um valor para custear o transporte para os treinos que mascaravam o recebimento de salários. No Sport, uma situação ainda mais curiosa: a principal jogadora da equipe foi contratada como auxiliar de escritório para poder jogar pelo Coração de Leão, sua equipe feminina, que não carregava o nome do clube justamente para ludibriar as autoridades do futebol e manter-se sob a aparência de uma equipe recreativa (CAPUCIM E SILVA, 2015).

No início de 1980, cerca de 16 equipes de mulheres já compunham o cenário futebolístico recifense⁴⁹. As quadras da área de lazer da praia do Pina serviam de local de treinamento para dois times fundados em Boa Viagem: Coisinha do Pai⁵⁰ e As Panteras. Em uma entrevista para o repórter Valdi Coutinho do *Diário de Pernambuco*, Maria do Carmo Nóbrega, chamada de idealizadora do futebol

⁴⁸ A Deliberação n.7, de 1965, reafirmou a proibição de algumas práticas esportivas por mulheres, trazendo no texto a lista de esportes proibidos: entre eles, o futebol feminino. Essa situação só foi revogada em 1979, com a Deliberação n. 10.

⁴⁹ COUTINHO, Valdi. Futebol feminino no Recife pretende durar e ter sucesso. *Diário de Pernambuco*, 12 Fev. 1980. p. 20.

⁵⁰ O nome foi uma referência à canção de Almir Serra, Jorge Cruz e Luiz Carlos Evangelista De Souza, lançada por Beth Carvalho no final de 1979. Ao lado de "Frevo Mulher", de Alceu Valença, e de "Balancê", na voz de Gal Costa, "Coisinha do Pai" foi considerada uma das músicas mais tocadas nos bailes do Carnaval de 1980 no Recife. O melhor carnaval do mundo. *Diário de Pernambuco*, n. 48, 20 de fevereiro de 1980, p. 17.

feminino na Zona Sul da cidade, explicou assim a interdição de uma partida preliminar marcada para acontecer na Ilha do Retiro, que foi barrada pela Federação Pernambucana de Futebol:

O incentivo com o futebol feminino vem sendo muito grande, os moradores do Pina, parentes e amigos, namorados, ajudam nos treinamentos, ensinando passes e dribles, os passes, etc., mas para surpresa nossa, a dificuldade é com a Federação. Não sei por que isso aconteceu. Soubemos através dos jornais, no dia seguinte, que a FPF não queria que o jogo fosse realizado. Queremos deixar bem claro que não estamos jogando para angariar prêmios e sim para motivar e participar do esporte das multidões, um incentivo a mais para o futebol brasileiro⁵¹.

Quando perguntada sobre a proibição de jogos de mulheres nos estádios e se “haveria algum resquício de ‘feminismo’ nisso tudo”, Maria do Carmo disse desconhecer o impedimento e reforçou estereótipos de gênero para legitimar a prática:

Se é por causa do clima mais quente dos trópicos, vale a pena lembrar que o tempo de jogo no futebol feminino é bem menor, dá completamente para a nossa resistência, não vamos forçar, sabemos que a nossa constituição como mulheres é mais delicada e não vamos nos exceder. E, além disso, nosso estilo de jogo é mais ameno pela própria condição da mulher. [...] Não há nenhum propósito feminista, mas a ideia não pode deixar de lado tal hipótese que, se existe, é subconsciente por enquanto. Não queremos jogar como homens, muito pelo contrário, demonstrar a graciosidade da mulher em campo, como ela realmente sabe jogar. As regras do jogo são as mesmas apesar de não haver a necessidade de usá-las todas, porque não somos violentas.

Em outra reportagem no mesmo jornal, dias depois, Maria do Carmo afirmou já ter se informado sobre as normas para a prática desse esporte por mulheres: “Já nos informamos sobre a legalidade do futebol feminino e estamos cientes de que na condição de amadores podemos atuar devidamente legalizadas e nosso pensamento é nos escrever na FPF”⁵². Ainda em março de 1980, o *Diário de Pernambuco* publicou diversas notas e reportagens sobre a atuação do Coisinha do Pai em cidades de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, além de convites vindos de outros estados do país.⁵³ Embora o time tenha sido proibido de jogar a preliminar no estádio do Sport Club do Recife, durante as comemorações dos 75 anos do clube, pelo menos duas preliminares de futebol feminino foram anunciadas para ocorrerem na Ilha do Retiro. A primeira, no dia 13 de maio, antes de Sport e Ceará Sporting Club, com as equipes formadas na agremiação aniversariante – Ffoletes e Coração de Leão. No dia 16 de maio, aconteceu o

⁵¹ Idem. Apesar da proibição desse jogo, cabe salientar que o Coisinha do Pai já havia estreado na Ilha do Retiro anteriormente.

⁵² Coisinha do Pai está uma beleza. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35

⁵³ Coisinha do Pai homenageia D. P. *Diário de Pernambuco*, 23 Mar. 1980, p. 36; GOMES, Claudemir. Coisinha do Pai está uma beleza. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

embate preliminar do “clássico dos clássicos”, pelo Campeonato Pernambucano, entre as Coração de Leão (Sport) e as Panteras, representando o Náutico⁵⁴.

Aliás, as preliminares de futebol feminino se transformaram em atrações nas partidas de futebol masculino. Os três principais clubes do Recife – Sport, Náutico e Santa Cruz – tinham equipes de mulheres que se apresentavam em tempo diminuído. O caráter efêmero de algumas equipes também é apontado nos comentários sobre o movimento de mulheres para a prática do futebol: “muitos, da mesma forma que surgiram, acabaram” (D’OLIVEIRA, 1980, p. 35). Outros times, como o Coisinha do Pai e o Coração de Leão, por exemplo, em pouco mais de seis meses de existência, já contavam com assessoria, geralmente de homens, e até empresários.⁵⁵

Algumas particularidades marcaram os esforços dedicados ao avanço do futebol feminino no Recife e, nesse sentido, destaca-se o papel de Maria do Carmo da Nóbrega. A idealizadora do Coisinha do Pai organizou o I Congresso de Futebol Feminino de Pernambuco (CAPUCIM E SILVA, 2015), cujas metas consistiram em avanços nas discussões para a derrubada da portaria que limitava a prática do futebol por mulheres, para a regulamentação da modalidade e para a criação de campeonatos em Pernambuco.

Já existem mais de 25 equipes femininas praticando o futebol em nosso Estado, isso sem falar naquelas do Interior que não conhecemos. Mas, por incrível que pareça, a prática do futebol feminino ainda é uma coisa clandestina, ilegal, tendo em vista uma portaria que proíbe essa atividade às mulheres. As futebolistas querem, no I Congresso de Futebol Feminino, atingir, dentre outras metas: discussão da portaria que proíbe a prática de tal desporto para mulheres; análise das viabilidades de anulação dessa portaria, pelos canais competentes; estabelecimento de critérios para a prática do futebol feminino; organização de uma estrutura administrativa e esportiva para os clubes de futebol feminino; criação de uma entidade que congregue, legalmente, todas as equipes. O I Congresso de Futebol Feminino será o primeiro passo no país para a execução dessas metas⁵⁶.

A direção da equipe procurou manter relação próxima com a imprensa local desde o início, organizando um coquetel em homenagem aos jornalistas⁵⁷ do *Diário de Pernambuco*, o que possibilitou diversas reportagens e entrevistas sobre o time, além de uma matéria na *Placar Magazine*⁵⁸. A prefeitura também desempenhou uma função crucial ao promover jogos e coordenar, por meio da Secretaria de

⁵⁴ “Anteriormente, as equipes estavam batizadas como Fofoletes e Timbuzinas, mas em assembleia junto com a diretoria do Bafo do Leão, resolveram mudar os nomes sob a alegação de que Coração de Leão estava mais ligado ao rubro-negro, servindo também como homenagem aos 75 anos do Sport.” Coração de Leão estreia na preliminar. *Diário de Pernambuco*, 16 Mai. 1980, p. 21.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Futebol feminino terá congresso em dezembro. *Diário de Pernambuco*, 5 Set. 1980, p. 21.

⁵⁷ Coisinha do Pai homenageia D. P. *Diário de Pernambuco*, 23 Mar. 1980, p. 36.

⁵⁸ Coisinha do Pai está uma beleza. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

Ação Social, o I Torneio de Futebol Feminino. O torneio recebeu apoio do mesmo jornal, que disponibilizou o Departamento Esportivo para a inscrição das equipes e enalteceu a "longa batalha empreendida para oficializar o futebol feminino como uma competição reconhecida⁵⁹", considerando os dispositivos legais do CND ainda vigentes na época. Dessa relação do time com a imprensa, Capucim e Silva (2015) afirma que uma coluna semanal chegou a ser criada no *Jornal do Commercio* para divulgar os jogos entre mulheres; além disso, o movimento de jogadoras na capital pernambucana chegou a virar matéria em periódicos do Sudeste, como a *Revista Placar* e no *Estado de São Paulo*⁶⁰.

Os tons das reportagens do *Diário de Pernambuco* destinadas à equipe seguiram um estilo "ascensão e queda". De início, uma quase displicência – "Futebol feminino em Pernambuco pretende durar e ter sucesso⁶¹". Após o coquetel oferecido em homenagem à redação – na área de lazer da Bacardi, marca de bebida alcoólica que possuía uma destilaria no Pina e patrocinava a equipe –, as menções passaram a ter um teor positivo e até entusiástico: "Coisinha do Pai está uma beleza"; "Coisinha do Pai é organizada e tem até regulamento"⁶².

Andrade Lima Filho, em uma de suas crônicas, escreveu:

E vamos ao assunto: o time das garotas. Chamado "Coisinha do Pai", é a sensação do momento, aqui no Recife. Um timaço, diz o Adonias, grão mestre da nossa crônica esportiva. Vejam a goleira, por exemplo. Não é, certamente um Leão. Nem pode, certo? Mas é uma leôa autêntica, de quem me dizem maravilhas. Com ela no gol, fechando a barra, frango não faz ninho, pois só entra mesmo quem for muito bom de bola, um rompedor tipo Vavá. E tem mais: peru, quando entra, ou se entra, sai murcho: deixa lá o recheio. E o comandante de ataque? Dessa nem é bom falar, senão o "Kosmos" compra logo o passe. Trata-se, informa o Adonias, de um verdadeiro Zico de saias: foi, não foi, a menina balança a estopa. E tome bola na rede. Mas tanta, tanta, que até parece bombom em boca de menino ou pacote de abril no saco do povo (LIMA FILHO, 1980, p. 15).

A crônica continua em meio a "elogios" misóginos que tornam as futebolistas fetiches, sobretudo ao dar ênfase a partes de seus corpos como peitos, bundas e pernas. Trata-se de uma característica bastante marcante nos textos que abordavam a relação entre futebol e mulheres no país nas últimas décadas do século XX (ALMEIDA, 2013; PISANI, 2018).

⁵⁹ Futebol feminino é ajudado e terá seu 1º torneio. *Diário de Pernambuco*, 3 Out. 1980, p. 23.

⁶⁰ Giovana Capucim e Silva (2015) cita três reportagens no *Estado de São Paulo*, publicadas entre setembro e dezembro de 1980: No Recife a luta pelo futebol feminino (14/09/1980); Em discussão o futebol de mulheres (14/12/1980); Fracasso o congresso de mulheres (18/12/1980).

⁶¹ COUTINHO, Valdi. Futebol feminino em Pernambuco pretende durar e ter sucesso. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1980, n. 42, p. 20.

⁶² *Diário de Pernambuco*, 15 de junho de 1980, n. 160, p. 17.

Quando quem assina a matéria é uma mulher, percebemos algumas diferenças. Em “Atenção, galera, o Coisinha do Pai está em Campo”, a jornalista Fernanda D’Oliveira, ao introduzir a uma entrevista realizada com o grupo em julho de 1980, diz:

Algumas profissões e práticas esportistas sofrem preconceitos por razão de sexo. Não fica muito bem um homem fazer secretariado ou ser professor primário, como não fica bem a mulher jogar futebol. Porém, no dia 1º deste ano, quebrando a tradição machista, foi criado o time de futebol feminino, Coisinha do Pai, com sede em Boa Viagem (D’OLIVEIRA, 1980, p. 43).

Ao contrário das demais reportagens, o texto de Fernanda em nenhum momento aborda características físicas das jogadoras. A pauta fala sobre reação do público e possibilidades de carreira e desenvolvimento da prática.

Com o tempo, o diário passou a noticiar mais o cerceamento do Conselho Nacional de Desportos aos jogos de futebol de mulheres preliminares às partidas dos homens no Recife⁶³, bem como os preparativos para o I Congresso Estadual de Futebol Feminino⁶⁴. No segundo caso, o apoio do jornal ficava bastante evidente: “Temas Importantes no 1º Congresso Feminino que se realiza em dezembro”⁶⁵; “Congresso de futebol feminino será um êxito”⁶⁶ e “Começa o I Congresso de Futebol Feminino”⁶⁷. Na véspera, o *Diário de Pernambuco* noticiou no alto de página “Começa o I Congresso de Futebol Feminino”, destacando as presenças confirmadas do então governador de Pernambuco Marco Maciel, do Prefeito do Recife Gustavo Krause e de autoridades da Federação Pernambucana de Futebol e de clubes locais. O evento aconteceu entre os dias 15 e 16 de dezembro, no Centro de Convenções, com o apoio do Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE), da Prefeitura Municipal e do *Diário de Pernambuco*. Contudo, dos 20 conferencistas convidadas(os) e confirmadas(os), apenas dois estiveram presentes, e a adesão do público

⁶³ O Sport Recife, embora mantivesse jogos de futebol feminino preliminares ou nos intervalos, vinculava a direção do Coração de Leão à torcida organizada Bafo de Leão. Essa situação provocou um pedido de explicação dessas atividades vindo do CND, por um comunicado da CBF que exigia a extinção desses jogos. O Sport se pronunciou: “O documento enviado pelo CND alega que esta equipe está realizando amistosos com entrada paga e que isso não é permitido. Realmente o time feminino não é dirigido pelo nosso clube e sim pela torcida. Não joga os 90 minutos regulamentares e sim os intervalos de jogos oficiais e amistosos. Não se apresenta apenas como espetáculo, e sim diversão”. Após a notificação do clube rubro-negro, o 1º Campeonato de Futebol Feminino, já programado, e com regulamento elaborado pela Prefeitura do Recife, foi suspenso. CND pode acabar com o futebol feminino. *Diário de Pernambuco*, 21 Out. 1980, p. 28

⁶⁴ Para o congresso, foi criada uma programação que contemplava discussões em três eixos: Medicina Desportiva, Treinamento Esportivo e Massagista. No último, havia um tópico apenas para criar um protocolo de massagem na perna de mulheres. A ideia era que o espaço servisse de debates sobre os possíveis efeitos às mulheres causados pela prática do futebol – e, a partir das conclusões, gerar um documento que fosse encaminhado à FPF e ao CND com indicações para a regulamentação da modalidade.

⁶⁵ *Diário de Pernambuco*, 12 de novembro de 1980, n. 309, p. 23.

⁶⁶ *Diário de Pernambuco*, 28 de novembro de 1980, n. 325, p. 27.

⁶⁷ *Diário de Pernambuco*, 15 de dezembro de 1980, n. 341, p. 15.

foi muito pequena. Apesar dessa situação, um documento final foi redigido e assinado pelas(os) participantes e enviado ao CND⁶⁸. Diante da situação, as manchetes já não denotavam tanto entusiasmo ao grupo: “Congresso de Futebol Feminino nem foi aberto: faltou gente”⁶⁹.

O reinício do futebol feminino no Brasil foi marcado por um marco sem precedentes no jornalismo: a criação de uma rádio esportiva exclusivamente composta por vozes femininas.

O futebol de mulheres (e as mulheres jornalistas) nas rádios

De fato, na década de 1970, em São Paulo, existiu uma emissora, a Rádio Mulher, que se dedicou à cobertura do futebol. Embora tenha tido uma breve existência (1971-1976), representou um marco na inclusão de jornalistas mulheres em coberturas esportivas.

O slogan da equipe da Rádio Mulher era “A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos.” Existiam, entretanto, algumas diferenças entre os temas abordados por estas mulheres e pelos homens até então responsáveis pelas coberturas esportivas. De acordo com Barbieri (2008) “Elas analisavam a beleza dos jogadores, foi Zuleide quem começou a falar das pernas famosas do goleiro do Palmeiras na época, Emerson Leão, a limpeza dos uniformes, e davam um tom sutil às transmissões. (PROVENZANO; SANTUÁRIO, 2009, p. 6)

Zuleide Ranieri (1945-2016) narrou o primeiro jogo no dia 15 de junho de 1971, entre Palmeiras e Portuguesa, disputado no estádio Palestra Itália – e vencido pelo Palmeiras por dois a zero. Também participaram do Departamento de Esportes a repórter Germana Garilli, as comentaristas Jurema Yara e Leilah Silveira, a segunda narradora (e também repórter) Claudete Troino e, novidade na época, a comentarista de arbitragem Léa Campos.

A Rádio Mulher foi uma exceção no que era esperado como inserção de mulheres na mídia:

Para Mello (2003), a entrada das mulheres no jornalismo se deu principalmente pela universidade, isto porque, quando da regulamentação da profissão, os profissionais que já atuavam na área garantiram o direito de permanecer na profissão. Na trajetória do rádio no Brasil, as mulheres tiveram atuação fundamental em dois gêneros: a radionovela e o radioteatro. Entretanto, com o surgimento da televisão a programação radiofônica passou por transformações. Os programas de auditório e as produções com enredo deram lugar às informações e notícias. A partir de então, as mulheres tornaram-se cada vez mais raras nos microfones, principalmente das rádios AM”. (PROVENZANO e SANTUÁRIO, 2009, p. 6).

⁶⁸ Futebol feminino não teve apoio em seu 1º congresso. Diário de Pernambuco, 17 Dez. 1980, p. 32.

⁶⁹ Diário de Pernambuco, 16 de dezembro de 1980, n. 342, p. 24.

E não foi apenas em São Paulo que as mulheres marcaram presença no jornalismo esportivo. A Rádio Gaúcha, pertencente ao grupo RBS⁷⁰ e localizada em Porto Alegre, também foi precursora nesse aspecto, embora contasse com a atuação isolada de jornalistas mulheres.

Uma das primeiras mulheres a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul foi Eva Mendonça, na década de 1960. Entretanto, “Evinha”, como era conhecida, não trabalhava diretamente na equipe esportiva, e sim no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. De acordo com Ary dos Santos (2009), coordenador de esportes da emissora à época, a participação de Evinha na programação acontecia de maneira esporádica em atividades administrativas ou rádio escuta (PROVENZANO e SANTUÁRIO, 2009, p. 7).

Dez anos mais tarde, em 1970, a Rádio Gaúcha fez história ao contratar sua primeira mulher para integrar o departamento de esportes da emissora. Ainda em seu primeiro ano do curso de jornalismo, Rita Campos Daudt conquistou a posição de repórter de campo. Ela enfrentou diversos desafios: para realizar entrevistas com os jogadores, era necessário organizar antecipadamente tanto os entrevistados quanto as perguntas, uma vez que muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher.

Alguns repórteres de esporte da rádio eram bem machistas e, por conta disto, o Ary sempre me escalava junto com o Cláudio Brito, a quem delegava a tarefa adicional de me cuidar dos ‘lobos’. Eu era uma menina, recém tinha entrado na faculdade, e até hoje louvo este cuidado que ele teve. (DAUDT, 2009, n. p.).

Rita trabalhou no departamento de esportes da Rádio Gaúcha por seis meses e logo depois se transferiu para a área de Marketing da RBS. Na década de 1980, também encontramos algumas jornalistas mulheres trabalhando nas seções de esporte de jornais e de rádios. Eu mesma (Carmen Rial) trabalhei na Rádio Gaúcha entre 1978 e 1982. Fui transferida do departamento de Jornalismo para o de Esporte para compor a equipe de cobertura da Copa do Mundo disputada na Argentina e ali atuei por quatro anos, até depois da Copa do Mundo disputada na Espanha. Só deixei a rádio, em que fui redatora, editora, chefe de reportagem e coordenadora de jornadas esportivas, porque fui aprovada em um concurso na Universidade Federal de Santa Catarina, a Academia e a Antropologia sendo minhas prioridades⁷¹.

⁷⁰ O Grupo RBS, sigla para Rede Brasil Sul de Comunicação, é um dos maiores grupos de comunicação do Brasil, com sede no estado do Rio Grande do Sul. O Grupo RBS atua em diversas áreas de mídia, incluindo televisão, rádio, jornais e plataformas digitais. Fundado em 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, o grupo se expandiu significativamente ao longo dos anos, estabelecendo-se como um influente conglomerado de mídia no sul do Brasil.

⁷¹ O fato de ter uma mulher no seu departamento de esporte refletia o caráter de vanguarda da emissora na época. Gaúcha era então chamada carinhosamente de “rádio Albânia”, pelas posições políticas em favor da democracia de muitos dos seus jornalistas – o que aliás não era particular dessa emissora; é famosa a frase “Não mexam nos meus comunistas”, atribuída a Júlio de Mesquita Filho, um dos diretores do jornal *O Estado de S. Paulo*, aos censores da ditadura, sabendo que seria difícil fazer um

O jornalismo esportivo, como encontramos em muitos estudos, tem tido a reputação de ser um “departamento de brinquedos” das redações (ROWE, 2007), por não abordar problemas e questões sociais e se concentrar em assuntos pouco sérios e sem importância. E, de fato, uma das pesquisas quantitativas mais abrangentes sobre jornalismo esportivo já realizadas⁷², que incluiu dez países, mais de 10.000 artigos esportivos e 37 jornais da Austrália, Áustria, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Romênia, Escócia, Suíça e EUA, constatou que as

As páginas de esportes se concentram principalmente na pré-visualização e reportagens descritivas de eventos esportivos (58% de todos os artigos), mas estão pouco interessadas em dinheiro (3%), política (5%) ou impacto social do esporte (2,5%). É revelado um mundo desportivo fortemente marcado pelo gênero, com as mulheres no foco de apenas 14% da cobertura desportiva e constituindo apenas 5% dos jornalistas desportivos com assinaturas.” (ROWE, 2007, p. 387)

Ao contrário de manter um departamento de brinquedo, a Rádio Gaúcha compreendeu que, em um período de censura e controle de informações, o departamento de esporte poderia ser uma ilha utópica de liberdade. Palavras absolutamente vetadas no departamento de jornalismo, como “ditadura militar” ou “tortura”, eram permitidas quando, por exemplo, no contexto do boicote à Copa do Mundo de 1978 na Argentina. A cobertura dessa Copa – e especialmente do seu boicote pelo maior jogador da época, o holandês Johann Cruyff – é um exemplo da complexa relação entre a imprensa e o poder durante a ditadura militar no Brasil, demonstrando como alguns veículos de comunicação e jornalistas lutaram para manter a integridade editorial e a independência jornalística em um contexto de repressão e censura. Longe de ser um “departamento de brinquedo”, a competência e o compromisso de seus jornalistas – e também no esporte –, independentemente de suas orientações políticas, contribuíram significativamente para o debate público e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Porém, o futebol praticado pelas mulheres estava completamente ausente da sua programação. E o episódio do estupro perpetrado por futebolistas do Grêmio na Suíça mostrou que, mesmo numa rádio no geral bastante aberta às mulheres, ainda predominavam as visões machistas de alguns dos seus jornalistas.

bom jornal sem os jornalistas “comunistas”. De fato, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), o jornal se posicionou de maneira crítica ao regime, o que frequentemente colocava seus jornalistas e editores em situações de risco, incluindo censura prévia, ameaças, prisões e até tortura.

⁷² International Sports Press Survey 2005. See *Sports journalism Still the 'toy department' of the news media?*. Available from: https://www.researchgate.net/publication/249689984_Sports_journalismStill_the_toy_department_of_the_news_media. Acesso em: 11 fev 2024.

Estupradores transformados em heróis pela imprensa

Henrique, Fernando, Eduardo e Alexi (o Cuca), os quatro jogadores do Grêmio condenados pelo estupro de uma menina de 13 anos na Suíça, Sandra Pfäffli, foram transformados em heróis por parte da imprensa gaúcha, graças a uma série de deturpações dos fatos que revelaram um culto ao machismo. Um artigo publicado no *Jornal Mulherio* (RIAL e GROSSI, 1987) descreveu a recepção apoteótica no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, que as cerca de 500 pessoas, incluindo torcedores e repórteres, deram aos quatro jogadores quando chegaram de Zurique em um voo da Varig, depois de passarem semanas numa cadeia. A cena tinha um ar de celebração, com bandeiras do Grêmio e do Internacional juntas como raramente se veem, e crianças nos ombros dos pais. Surpresos com a recepção calorosa e sem entender a natureza do apoio, nas suas entrevistas eles inicialmente pediram desculpas e expressaram arrependimento pelo crime. Mas logo perceberam que os insultos ouvidos eram dirigidos à menina, Sandra Pfäffli, e que a multidão no local os via como heróis, validando uma noção distorcida de masculinidade construída pela imprensa gaúcha nas semanas que antecederam a sua chegada.

De fato, as perguntas dos repórteres no aeroporto eram permeadas por um clima de admiração, destacando a solidão e os desafios enfrentados na cadeia, deixando de lado o crime de estupro. O som de suas vozes era encoberto pelos aplausos do público ali reunido. Como era possível que tantos estivessem aclamando quatro criminosos como defensores da honra gaúcha?

Dúvida quanto ao crime não havia. O próprio advogado enviado pelo Grêmio para acompanhar o processo, Silveira Martins, havia afirmado para o *Jornal Zero Hora* que “...um dos jogadores manteve relação sexual completa, outro apenas sexo oral, enquanto um terceiro fez carícias e o quarto foi um ‘voyeur’ conivente: apenas olhou”⁷³.

A recepção apoteótica foi construída ao longo das semanas que antecederam os seus regressos, por meio da rádio e da imprensa escrita do estado, por meio de declarações de jornalistas em defesa dos jogadores e, surpreendentemente, favoráveis ao seu crime! Segundo um dos cronistas mais respeitados na época (hoje aposentado), o estupro de Sandra era algo que deveria deixar um pai orgulhoso do filho:

Eu sou pai, e você, sendo mãe ou pai, vai compreender, não é o mesmo ter um filho ou uma filha. Todo pai deseja que seu filho conquiste todas as garotas da vizinhança, quer que ele seja o destaque entre os amigos.

⁷³ Zero Hora do dia 31 de agosto de 1987.

Com a filha, a história é outra. Não se deve criticar os jovens do Grêmio por terem feito algo que todo pai ficaria orgulhoso de ver seu filho fazer. (Lauro Quadros, integrante do programa Sala de Redação, no Jornal do Almoço da RBS TV)⁷⁴.

De fato, ao revisitar dois dos jornais gaúchos de mais circulação na época e nos depararmos com afirmações feitas por integrantes do Sala de Redação – o programa de maior audiência na rádio gaúcha, na época e até hoje –, o estupro era comparado a uma sedução inconsequente, uma travessura e, como é comum nesses casos, a culpa era invertida e atribuída à vítima:

Os jogadores do Grêmio não assimilaram a mudança do fuso horário. Levaram um choque de costumes... Agora é só torcer – no que acredito – que a justiça suíça faça justiça. Isto é, que ela encare o fato como realmente foi uma travessura irresponsável e de total imprevidência dos seus autores quanto a sua ilicitude e consequências.

...a moça Sandra, que seduziu ou foi seduzida pelos jogadores do Grêmio...E que moça bonita a Sandra. Uma mocetona. Nem parece que tem só 13 anos. Uma mulher com aquela beleza sempre causa complicação. Até mesmo para quem casa com ela.⁷⁵

Não faltou sequer um teste de escolha múltipla:

Pense e responda:

- a) Uma garota que está sendo estuprada não grita?
- b) se grita ninguém ouve, mesmo estando num hotel?
- c) havendo violência, a vítima não reage a ponto de ferir-se?⁷⁶

Questionar o testemunho da vítima de estupro é uma estratégia comum da defesa e, neste caso, foi acionada por jornalistas que minimizaram a gravidade do ato. Nesse contexto, chegou-se ao ponto de tratar o estupro como se fosse menos sério do que um roubo ou um ato de vandalismo:

Alguns pecaram mais que outros, se é que houve pecado... O fato ocorrido no hotel de Berna é normal em quase todas as excursões, fora ou dentro do país... Se os jogadores tivessem praticado desordem séria ou outra atitude demasiadamente desabonatória, eu aconselharia sua eliminação do clube. Mas um deslize de ordem sexual em que, visivelmente, colaborou para sua consumação uma conduta, no mínimo, quase conivente da chamada vítima, não deve servir de amparo a uma decisão drástica⁷⁷.

Violência? Claro que não. Ficou mais do que claro, pelo menos para mim, que não houve violência no ap. 204 do hotel Metrópole [de Berna, Suíça]. Pode-se questionar, isto sim, o bom gosto dos envolvidos... Mas cores e sabores não se discute, resta dar as boas vindas aos nossos doces devassos⁷⁸.

⁷⁴ Lauro Quadros, **ZH**, 31/08/87

⁷⁵ Paulo Santana, **Zero Hora**, 08/08/87.

⁷⁶ Wianey Carlet, **Correio do Povo**, 08/87.

⁷⁷ Paulo Santana, **Zero Hora**, 29/09/87.

⁷⁸ Wianey Carlet, **Correio do Povo**, 29/08/87.

A recepção triunfante dos estupradores no aeroporto representou, portanto, o resultado da celebração de um conceito de honra masculina local, promovido ao longo de semanas por uma parcela expressiva da imprensa do Rio Grande do Sul. Essa cobertura distorceu os acontecimentos relacionados ao caso, elevando os acusados de um crime à condição de homens de verdade, que tinham provado sua masculinidade por meio do ato. “Meu filho não é um homossexual, ele não é culpado de nada, a garota é que foi lá tirar a roupa na frente deles, que não são homossexuais e agiram como homens”, disse a mãe de Eduardo, ouvida no aeroporto (RIAL e GROSSI, 1987).

A fala da mãe de um dos estupradores foi ecoada pelos torcedores do Grêmio, que passaram a ridicularizar os jogadores do time adversário, sugerindo que seriam chamados de “bichas” doravante. Tal reação foi quase inevitável, considerando que a equação estuprador=macho, não estuprador=bicha havia sido amplamente difundida pelas palavras de Paulo Santana (1987), um dos cronistas esportivos mais lido do estado naquele período: “Na semana que vem chega o Internacional. Parece que estou vendo a cena no aeroporto Salgado Filho: Terezinha Morango [torcedora-símbolo do clube] e a torcida Fico [uma das torcidas organizadas do Inter] em coro para os jogadores colorados: bicha, bicha, bicha”⁷⁹.

Ou seja, de acordo com a lógica machista propagada na mídia e internalizada pelas mulheres presentes no aeroporto, os culpados são aqueles que não cometem estupro, os chamados “bichas”. Os estupradores, estes, receberam a simpatia “compreensiva” de várias mulheres torcedoras presentes no aeroporto, além de ganharem flores levadas por suas noivas e pela esposa de um deles, Rejane, provando ser “uma grande mulher”, nos termos de outro membro do Sala de Redação.

Esta é a hora de Rejane. Se, consideradas as circunstâncias, ela revelar sensibilidade e compreensão, é porque se trata de uma Grande Mulher. Já imaginaram o Cuca conseguir o que conseguiu, telefonar, e levar outra paulada na cabeça? Não, isso não vai acontecer.⁸⁰

Em 1987 nenhuma mulher trabalhava no departamento de esportes da Rádio Gaúcha. Sandra, a menina estuprada, continuou vivendo na Suíça e pouco se sabe sobre sua vida depois do episódio, apenas que fez uma tentativa de suicídio e que morreu aos 28 anos de idade⁸¹.

⁷⁹ Paulo Santana, **ZH**, 20/08/87.

⁸⁰ Lauro Quadros, **ZH**, 28/08/87.

⁸¹ <https://tribunadosertao.com.br/noticias/2024/01/03/508596-caso-cuca-justica-suica-descobre-que-jovem-abusada-por-jogadores-do-gremio-em-1987-morreu> Acesso em 4.03.2024. No momento em que fechamos este artigo, Cuca é contratado pelo Club Athletico Paranaense.

#Deixa ela trabalhar

Foram precisos mais 20 anos para a Rádio Gaúcha integrar outra mulher à sua equipe esportiva. No início do século XXI, Paula Alvim foi escolhida para conduzir o segmento “Fofocas no Mundo da Bola” no Sábado Esporte, um programa que se dedicava a explorar a vida pessoal de atletas e dirigentes esportivos negligenciando, em grande medida, seus desempenhos nas competições. Em 2007, Paula se mudou para o canal SporTV – um dos primeiros a integrar as mulheres como comentaristas, em igualdade com os homens, nas bancadas dos seus programas de debate e, mais tarde, também como narradoras de jogos.

Antes, em maio de 2004, a Rádio Bandeirantes quebrou convenções ao empregar uma mulher no seu setor de esportes, que, ao contrário do caso anterior, atuou também como repórter de campo. Débora de Oliveira, cuja trajetória no jornalismo esportivo havia começado seis anos antes, na Rádio ABC, localizada em Novo Hamburgo (RS), inicialmente se limitava a entrevistar torcedores sobre suas expectativas e opiniões acerca do rendimento dos times. Não muito depois, ela começou a acompanhar os treinamentos semanais e a realizar coberturas dos jogos ao vivo diretamente do campo. Em 2022, Ana Thaís Matos se tornou a primeira jornalista mulher a comentar jogos da Copa do Mundo de Futebol Masculino na Rede Globo de TV, e Renata Silveira tornou-se a primeira narradora mulher da emissora.

A Rádio Gaúcha seguiu a tendência de integrar mulheres nos departamentos de esporte e passou a ter a participação de Duda Streb no seu programa de maior audiência, justamente o Sala de Redação, de que saíram tantos comentários misóginos como no episódio do estupro de Berna. E seria também o Sala de Redação o palco de outro incidente lamentável. Em abril de 2018, Peninha, nome pelo qual é conhecido o colunista e historiador Eduardo Bueno, dirigiu-se a Duda Streb com a frase “volta para o teu lugar, na cozinha”, evidenciando uma atitude machista que sugere que as mulheres não deveriam ocupar espaços de destaque ou autoridade em discussões esportivas, especialmente no futebol. Houve uma ampla repercussão negativa ao comentário de Peninha, com manifestações de apoio a Duda Streb por parte do público e de outros profissionais da imprensa. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SINDJORS) criticou a declaração de Peninha, descrevendo-a como machista, preconceituosa e agressiva, além de afirmar que ela reforçava as desigualdades sociais que o feminismo lutava para combater. A situação culminou com um pedido de desculpas público de Peninha, evidenciando a gravidade da sua “brincadeira” e a crescente intolerância da sociedade a comportamentos machistas e

discriminatórios⁸². O episódio destaca-se como um momento significativo na discussão sobre machismo no ambiente jornalístico esportivo no Rio Grande do Sul dada a reação à fala preconceituosa, marcando um ponto de inflexão na percepção e no tratamento dado às mulheres na mídia esportiva.

De fato, esse evento ilumina a persistente batalha contra o sexismo na imprensa esportiva e serve como um ponto de inflexão para reconsiderar os estereótipos de gênero e promover a equidade no ambiente de trabalho em todas as carreiras. Provavelmente, a reação imediata por parte de outras jornalistas mulheres se relaciona com a iniciativa feminista #DeixaElaTrabalhar, que emergiu nas redes sociais em março de 2018, como resposta ao assédio e à discriminação que as mulheres na mídia esportiva brasileira enfrentam e como busca por uma cultura profissional mais acolhedora e respeitosa.

Inspirada em movimentos globais como o #MeToo nos Estados Unidos e o #BalanceTonPorc na França, que denunciavam abusos sexuais e machismo em diferentes esferas da sociedade, a campanha brasileira #DeixaElaTrabalhar focou especificamente no ambiente do jornalismo esportivo (RIAL, 2021). A iniciativa ganhou visibilidade quando um grupo de jornalistas mulheres gaúchas decidiu se manifestar contra as barreiras e os comportamentos machistas que elas enfrentavam cotidianamente em seu trabalho. A campanha rapidamente ganhou repercussão nas redes sociais e na mídia, especialmente no Rio Grande do Sul, chamando atenção para a necessidade de respeitar a presença das mulheres no jornalismo esportivo, reconhecendo sua competência, seu profissionalismo e seu direito de trabalhar sem sofrer discriminação ou assédio. A presença das mulheres na mídia, impressa, radiofônica ou televisiva, tem sido acompanhada pelas suas denúncias de discriminação em muitos lugares. Jornalistas esportivas enfrentam preconceitos de gênero e precisam se adaptar a um ambiente de trabalho dominado por homens – seja na Polônia (ORGANIZA e MAZUR, 2020), em Israel (TAMIR et al, 2017) ou em outros países (LACKOVIC e GASPARIC, 2022).

O slogan tornou-se um chamado por igualdade de oportunidades e tratamento justo para as mulheres na imprensa esportiva, buscando promover um ambiente de trabalho mais inclusivo. A campanha também ajudou a sensibilizar o público e os profissionais da área sobre a importância de combater o machismo e valorizar a contribuição das mulheres no jornalismo esportivo.

⁸² PENINHA pede desculpas após piada machista e comentarista chora ao lembrar. **Uol**, São Paulo. 27 abr. 2018. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2018/04/27/peninha-pede-desculpas-apos-piada-machista-e-comentarista-chora-ao-lembrar.htm>>; Acesso em 14 de fevereiro de 2024.

Considerações finais

Em 2021, o artigo “Os estupradores que viraram heróis” mereceu menções no site Globo Esporte, no podcast “Vocês da imprensa”, apresentado por Marcelo Barreto, e no programa Esporte Espetacular na Rede Globo de TV. A repercussão do artigo 34 anos depois de publicado ocorreu também em espaços outros que o do jornalismo esportivo, como é o caso de escritos da filósofa e ativista negra Djamilia Ribeiro ou das menções da jornalista Flávia Oliveira, no programa Globo News em Pauta. O fato de os jornalistas retomarem criticamente a reação dos seus colegas ao caso de Berna mostra o quanto se alterou a visão das relações de gênero no país, muito além da esfera esportiva, e o quanto é inconcebível atualmente que um caso de estupro coletivo seja tratado da forma como apareceu na mídia gaúcha na época.

Longamente divorciados (RIAL e ALMEIDA, 2023), o movimento feminista e o futebol parecem se reencontrar nos departamentos de esporte de rádios, TVs e jornais, nas vozes e nas matérias publicadas em sites e jornais por jornalistas mulheres e por jornalistas homens que defendem o futebol praticado por mulheres, condenam as expressões de machismo e procuram tornar a bola um gênero neutro. São muitas as demonstrações desta nova aliança entre feminismo e futebol. Vimos isso quando do feminicídio de Eliza Samúdio em 2010 e da posterior condenação do goleiro Bruno. Vimos no caso da ampla divulgação das faixas da torcida do Atlético Mineiro⁸³ em 2017, na reação contrária quando da contratação de Robinho, por conta da sua condenação na Itália por participar de um estupro coletivo de uma mulher de 23 anos. E na participação decisiva da cobertura jornalística na não contratação do mesmo Robinho pelo Santos F. C. em 2020.⁸⁴ Vimos também na difusão extensa na mídia do manifesto das futebolistas do Corinthians contra a contratação de Cuca pelo clube, que resultou no seu pedido de demissão, com um reviver do caso do estupro de Berna⁸⁵. “Respeita as Minas’ não é uma frase qualquer. É, acima de tudo, um estado de espírito e um compromisso compartilhado. Ser Corinthians significa viver e lutar por direitos todos os dias”, disseram as atletas na sua manifestação.

⁸³<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/10/coletivo-de-torcedoras-do-santos-se-declara-contra-a-volta-de-robinho.shtml> Consulta em 24.02. 2024.

⁸⁴ Os jornalistas do GE Rodrigo Capelo e Martins Fernandez enviaram perguntas às empresas patrocinadoras do Santos perguntando se elas manteriam os contratos caso o jogador fosse vestir a camiseta do clube, obrigando-os a se posicionarem. <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodrico-capelo/post/2020/10/16/patrocinadores-pressionam-santos-para-desistir-da-contratacao-de-robinho.ghtml> Consultada em 24.02.2024/

⁸⁵<https://revistaforum.com.br/esporte/2023/4/24/respeita-as-minas-jogadoras-do-corinthians-assinam-manifesto-contra-cuca-134726.html> Consulta em 24.02. 2024.

Na seleção brasileira, houve manifestação de jogadoras e comissão antes de um amistoso contra a Rússia em junho de 2021. Ao se posicionar para as fotografias, o grupo estendeu uma faixa com a frase “Assédio Não!”, em repúdio aos assédios moral e sexual cometidos pelo ex-dirigente da CBF Rogério Caboclo. E, mais recentemente, na cobertura do processo (e condenação) de Daniel Alves na Espanha, pelo estupro de uma mulher de 23 anos perpetrado em uma discoteca em Barcelona.

Por outro lado, a cobertura jornalística sobre o futebol feminino no país tem ganhado mais espaço. Jogos e campeonatos têm sido transmitidos por canais abertos, e programa e mesas redondas sobre futebol também discutem contratações, casos e resultados. A conquista da igualdade ainda é uma meta distante, com a persistência evidente de hierarquias e disparidades numéricas. Apesar de as jornalistas mulheres começarem a se destacar em programas de debates e mesas redondas, discutindo aspectos técnicos do futebol e indo além das simples notícias, elas ainda são significativamente menos numerosas que seus colegas homens. Foi somente em 2022 que a principal emissora de televisão do país apresentou uma narradora e uma comentarista nos jogos da Copa do Mundo de Futebol Masculino, e apenas em 2023 a seleção brasileira feminina de futebol recebeu um tratamento por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que, se não igual, se aproximou bastante do tratamento dispensado aos jogadores homens. Obviamente, está muito aquém do espaço destinado à categoria masculina, mas comentários desdenhosos e ofensivos – como os reproduzidos por Nelson Rodrigues, Batepé, Puck, Andrade Lima Filho ou pelo *Imparcial* (RJ), *Zero Hora* (RS) ou *Correio do Povo* (RS), que associavam a participação de mulheres no universo futebolístico com histeria, degeneração, insolência, brincadeira ou mesmo produziam objetificação – são cada vez mais reprovados e condenados.

Assim, cem anos após os apelos de Cléo de Galsan pela inclusão das mulheres no universo do futebol, elas finalmente começam a assegurar seu espaço, tanto no campo de jogo quanto no jornalismo esportivo. Essas conquistas necessitam de reafirmação constante em um cenário onde o horizonte da igualdade profissional nos campos de futebol ou no campo jornalístico permanece incerto e desafiador.

Carmen Rial

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

UFSC, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas, Florianópolis (SC), Brasil

Doutora em Antropologia e Sociologia (Université de Paris V)

E-mail: carmen.rial@ufsc.br

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.417>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.84-119, jan./abr. 2024

Caroline Soares de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1361-6616>

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife (PE), Brasil

Doutora em Antropologia Social (UFSC)

E-mail: almeidacarol@yahoo.com

Recebido em: 27 de março de 2024.

Aprovado em: 12 de abril de 2024.

Referências:

ALMEIDA, Caroline Soares. **Boas de Bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol durante a década de 1980 no Esporte Clube Radar. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Caroline S. Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. **Lusotopie**, 18, p. 95-118, 2019.

ALMEIDA, Caroline S; ALMEIDA, Thaís R. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. **ICSOnline** – Revista Eletrônica de Ciências Sociais. 31, 168-191, p. 2020.

BONFIM, Aira F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Mestrado em História (Dissertação). Fundação Getúlio Vargas, 2019.

BATEPÉ. O “bicho” de saia está se “embandeirando”. **A Gazeta**, n. 5468, P. 3, 28 de março de 1924.

BATEPÉ. Frágil sexo. **A Gazeta**, n. 5493, 29 de abril de 1924, p. 3.

BUTLER, Judith. **Gender Troubles**. New York, Routledge, 1990.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Portal da Câmara dos Deputados. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> (acesso em 07/03/ 2022).

CAMPOS, Augusto de. **Patrícia Galvão** – Pagu: vida e obra. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1941 - 1983). Mestrado em História (Dissertação). Universidade de São Paulo, 2015.

COUTINHO, Valdi. Futebol feminino em Pernambuco pretende durar e ter sucesso. **Diário de Pernambuco**, n. 42, p. 20, 12 de fevereiro de 1980.

D'OLIVEIRA, Fernanda. Atenção, galera, o Coisinha do Pai está em Campo. **Diário de Pernambuco**, n. 187, p. 43, 13 de julho de 1980.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua H. **Futbolera**: a history of women and sports in Latin America. Austin: Texas University Press, 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, 50, p. 315-328, 2005.

FURLANI, Lucia M. T. **Pagu** – Patrícia Galvão livre na imaginação no espaço e no tempo. Santos: Unisanta, 1999.

GALSAN, Cléo. “A mulher e o esporte – O futebol feminino é o jogo recommendado à mocidade feminina”, **A Gazeta** (SP), n. 5481b, p. 3, 14 de abril de 1924 (a).

GALSAN, Cleo. “As melindrosas e o ... esporte”. **A Gazeta** (SP), n. 5488, p. 3, 23 de abril de 1924 (b).

GALSAN, Cléo. Frágil Sexo. **A Gazeta** (SP), n. 5487, p. 3, 4 de maio de 1924 (c).

GALVÃO, Patrícia Rehder. **Paixão Pagu**: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades, **Revista Brasileira de Educação Física**, 19, p. 143-151, 2015.

GOMES, Claudemir. Coisinha do Pai está uma beleza. **Diário de Pernambuco**, n. 86, p. 35, 30 de março de 1980.

GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2020.

HOLANDA, Sara Pinto de. **Um caminho à liberdade: o legado de Pagu**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2014.

JEUKEN, Bruno. **Salathiel de Campos: esporte e política (1926-1938)**. Dissertação. Universidade de São Paulo, 2017.

LACKOVIC, K; GASPARIC, T. The Role and Position of Women in Sports Journalism. **Sports, Media and Business**. n. 31, December 2022.

LIMA FILHO, Andrade. A Seleção. **Diário de Pernambuco**, n. 108, p. 15, 23 de abril de 1980.

LEVER, Janet. **Soccer Madness: Brazil's Passion for the World's Most Popular Sport**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

MAPURGO, Giulia. Jewish Mafia and prostitute traffic: Zwi Migdal's forgotten story. **Joymag**. 14 de março de 1979. <https://www.joimag.it/jewish-mafia-and-prostitute-traffic-zwi-migdals-forgotten-story/> consultado em 2 de março de 2024.

MAZZONI, Thomaz. Nossos cronistas. In: MAZZONI, Thomaz. **Almanach Esportivo**. São Paulo, 1928, p. 283-297.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil: 1894 – 1950**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

ORGANISTA, Natalia; MAZUR, Z. “You either stop reacting or you don’t survive. There’s no other way”: the work experiences of Polish women sport journalists. **Feminist Media Studies**. 16 november 2020.

PINTO, Ricardo. Futebol Feminino. **Diário de Notícias**, 1941, p. 7, 22 de janeiro de 1941,

PISANI, Mariane. **Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Tese), Universidade de São Paulo, 2018.

PUCH. O feijão queimado. **A Noite** (Rio de Janeiro), 1941, p. 2, 18 de janeiro de 1941.

RECHTMAN, Enio. **Itaboca, rua de triste memória**: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento da zona do meretrício (1949 a 1953). Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes e Judaicos). Universidade de São Paulo, 2015.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Os estupradores que viraram heróis. **Mulherio**. n. 32, p. 3-4, Out 1987.

RIAL, Carmen. O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola. **Revista de Comunicações e Artes**, n.18, p. 40-43, 1988.

RIAL, Carmen. New Frontiers: The Transnational Circulation of Brazil of Women Soccer Players. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina (Org.). **Women, soccer and transnational migration**. London/New York: Routledge, p. 87-102, 2014.

RIAL, Carmen. Marta is better than Kaká: the invisible women's football in Brazil. **Labrys**, n. 28, 2015.

RIAL, Carmen. #Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil. In: Thomas FISCHER; KÔLHER, Romy; REITH, Stefan. (Org.). **Fútbol y Sociedad en América Latina**. Frankfurt: Vervuert, p. 241-256, 2021.

RIAL, Carmen. A memória do Futebol Praticado por Mulheres – semelhantes trajetórias no Brasil e na França? In: GROSSI, Miriam; OLTRAMANI, Leandro, FERREIRA, Vinicius (Org.). **Família, gênero e memória**: diálogos interdisciplinares entre França e Brasil. Brasília: ABA/Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 295-321, 2020.

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline S. Football, lesbianism and feminism in Brazil: subversive acts. **Soccer and Society**, p. 1-13, 2023.

RIGO, Luiz et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 29, p. 173-188, 2008.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamarqui Soares Porto. **A Dança das Cadeiras**: A Eleição de João Havelange à Presidência da FIFA (1950-1974). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Nelson. Flamengo Sessentão. In: CASTRO, Ruy (org.). **A sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013.

ROWE, David. Sports journalism. Still the 'toy department' of the news media? *Journalism*, v. 8(4), p. 385-405, 2007.

SCHOCH, Lucie; OHL, Fabien. How can they like doing that? The ambivalent definition of legitimate work in sports journalism. *Paper*, 34pg, s/d/

SILVEIRA, Maria José. *A jovem Pagu*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.